

Sérgio Buarque de Holanda

João Pedro Ricaldes dos Santos – Sociologia

“Raízes do Brasil” (1936) é a obra principal do sociólogo Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), na qual o autor apresenta uma história cultural do Brasil e procura compreender a formação da sociedade brasileira. Juntamente com “Casa Grande e Senzala” (Gilberto Freyre) e “Formação Econômica do Brasil” (de Caio Prado Júnior), a obra de Sérgio Buarque de Holanda é considerada ainda hoje como uma peça fundamental para a interpretação dos problemas brasileiros.

Assim como Freyre ficou conhecido pelo conceito polêmico de “democracia racial”, Sérgio Buarque foi atacado por todos os lados pelo seu conceito de “homem cordial”, idéia central na sua obra. Descrever a identidade brasileira em termos de cordialidade foi inaceitável no meio cultural e político dos anos 30, profundamente marcado, no Brasil e na Europa, pela polarização ideológica entre comunistas e nazi-fascistas.

“Para os integralistas, os fascistas brasileiros de então, a concepção dele era desvirilizante, pois eles preferiam um varonil bandeirante como característica nacional. Alguém como Domingos Jorge Velho ou Pai Pirá, descritos na Marcha para o Oeste de Cassiano Ricardo, paulista como Sérgio, editado em 1940, uns fura-matos que, com trabuco na mão, facão na cintura e muita crueldade, enfiando-se pelos sertões, dilataram as fronteiras nacionais no peito e na raça. Para os comunistas, ao revés, sempre cultivando a revolta, a insurgência das massas, a idéia da cordialidade cheirava a submissão, a conformismo, a conluio com as oligarquias. O tipo ideal deles era o Cavaleiro da Esperança exaltado por Jorge Amado, em edição de 1942, o herói a cavalo que, com pouca munição e muita coragem abalara fundo o agreste injusto e bárbaro, como fizera Luís Carlos Prestes com sua coluna rebelde”

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2002/07/03/001.htm>

No capítulo “Trabalho e Aventura”, Sérgio Buarque de Holanda compara dois modelos históricos de colonizadores: os europeus do norte e os do sul. Os povos do norte da Europa, por terem vivenciado a Reforma Protestante, compartilham uma moral do trabalho que lhes cria fortes características. Tais homens seriam caracteristicamente industriais, econômicos, metódicos, racionais.

Já os do sul, especificamente os povos da Península Ibérica, seria do tipo aventureiro. Esses homens, por sua vez, seriam marcados fortemente pela “cultura da personalidade”, e pela presença inquebrantável da moral católica, com a valorização da ociosidade, desordem social, e gosto pela atividade mercantil ou qualquer outra atividade que aparente garantir lucros rápidos com o menor esforço

Mais adiante, no capítulo “Semeador e Ladrilhador”, o sociólogo aponta uma diferença entre espanhóis e portugueses, nas suas respectivas políticas de colonização. Os espanhóis seriam do tipo ladrilhador e os portugueses seriam do tipo semeador. No primeiro caso, destaca-se o comportamento preventivo e de cálculo das ações futuras. Daí a formação de grandes núcleos de povoação estáveis e a preferência por fixar-se no interior e nos planaltos de clima mais ameno.

No segundo caso, destaca-se uma tendência a agir conforme se apresentam os problemas cotidianos, sem planejamento. Daí o caráter de feitorização típico de suas colônias, em que predominaram os poderes regionais e a distribuição desigual e salpicada da população apenas na região litorânea.

Não se tratam de opções meramente subjetivas, mas de um comportamento em que pesam algumas condições históricas com que os ibéricos se depararam. A preferência por uma colonização mais efetiva na América espanhola corresponderia à necessidade de Castela superar as tendências separatistas. Já a opção por uma colonização mais esparsa corresponderia ao fato de Portugal já ter-se estabelecido enquanto Estado relativamente coeso bem antes de iniciar as Grandes Navegações. Além disto, os portugueses dispuseram da possibilidade de importar negros e da abundância de terras férteis

Feitas estas considerações históricas, o autor de Raízes do Brasil constrói o que considera como sendo o perfil do homem brasileiro, resultado desta formação colonial. A herança portuguesa estaria, então, impregnada na identidade brasileira definida pelo conceito de "homem cordial". Vejamos como Sérgio Buarque desenvolve seu raciocínio:

Estado não é família

O ESTADO NÃO É UMA ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo (...) Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão,

contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade. Há nesse fato um triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo (...). A ordem familiar, em sua forma pura, é abolida por uma transcendência.

(...) No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar-a esfera, por excelência dos chamados "contatos primários", dos laços de sangue e de coração-está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós.

O homem cordial

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o "homem cordial". A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar "boas maneiras", civilidade.

São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo- ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças. Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinários do convívio social, chega a ponto de confundir-se, por vezes, com a reverência religiosa. (...) Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. (...) Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado. Pertencem, efetivamente, para recorrer a termo consagrado pela moderna sociologia, ao domínio dos " grupos primários", cuja unidade, segundo observa o próprio elaborador do conceito "não é somente de harmonia e amor".

Falta de reverência

Nada mais significativo dessa aversão ao ritualismo social, que exige, por vezes, uma personalidade fortemente homogênea e equilibrada em todas as suas partes, do que a dificuldade em que se sentem, geralmente, os brasileiros, de uma reverência prolongada ante um superior. (...) A manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade.

O diminutivo

(...) No domínio da lingüística, para citar um exemplo, esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação "inho", aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relêvo. É a maneira de fazê-las mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-las do coração.

Falta do sobrenome

A mesma ordem de manifestações pertence certamente a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social. Essa tendência, que entre portugueses resulta de uma tradição com velhas raízes--como se sabe, os nomes de família só entram a predominar na Europa cristã e medieval a partir do século XII - acentuou-se estranhamente entre nós. Seria talvez plausível relacionar tal fato à sugestão de que o uso do simples prenome importa em abolir psicologicamente as barreiras determinadas pelo fato de existirem famílias diferentes e independentes umas das outras.

Cliente amigo

O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo.

Religião sem respeito

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. (...) É o que também ocorreu com o nosso menino Jesus, companheiro de brinquedo das crianças e que faz pensar menos no Jesus dos evangelhos canônicos do que no de certos apócrifos. Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo.

Essa forma de culto, que tem antecedentes na Península Ibérica, também aparece na Europa Medieval justamente com a decadência da religião palaciana, superindividual, em que a vontade comum se manifesta na edificação dos grandiosos monumentos góticos. Transposto esse período - afirma um historiador - surge um sentimento religioso mais humano e singelo. Cada casa quer ter sua capela própria, onde os moradores se ajoelham ante o padroeiro e protetor. Cristo, Nossa Senhora e os santos já não aparecem como entes privilegiados e eximidos de qualquer sentimento humano. Todos, fidalgos e plebeus, querem estar em intimidade com as sagradas criaturas e o próprio De-us é um amigo familiar, doméstico e próximo-oposto do Deus "palaciano", a quem o cavaleiro, de joelhos, vai prestar sua homenagem, como a um senhor feudal.

O que representa Semelhante atitude é uma transposição característica para o domínio do religioso desse horror às distâncias que parece constituir, ao menos até agora, o traço mais específico do

espírito brasileiro. Essa aversão ao ritualismo conjuga-se mal- como é fácil imaginar - com um sentimento religioso verdadeiramente profundo e consciente. (...) No Brasil, ao contrário, foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, "democrático", um culto que dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, nosso sentimento religioso.

Outro visitante, de meados do século passado, manifesta profundas dúvidas sobre a possibilidade de se implantarem algum dia, no Brasil, formas mais rigoristas de culto. Conta-se que os próprios protestantes logo degeneram aqui, exclama.

Em particular a nossa aversão ao ritualismo é explicável, até certo ponto, nesta "terra remissa e algo melancólica", de que falavam os primeiros observadores europeus, por isto que, no fundo, o ritualismo não nos é necessário. Normalmente nossa reação ao meio em que vivemos não é uma reação de defesa. A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a, como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os freqüentemente sem maiores dificuldades.

Holanda, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil, RJ, J. Olympio, 1976, página 101-112